

Biodiverso

Edição 4 - Dezembro 2013

Homenagem à vida de Jorge Vivan

Agrônomo incentivou agricultores a produzir em Safs



Ministrando cursos para agricultores desde o início dos anos 1990, Jorge Vivan promoveu o consórcio entre banana e palmeira juçara (*Euterpe edulis*), cada vez mais utilizado no Litoral Norte/RS

O parceiro e amigo Jorge Vivan

Por Maria José Guazzelli

Jorge Vivan foi uma dessas pessoas que vem ao mundo para trazer mudanças significativas ao seu entorno. Com raro conjunto de grandes habilidades, era talentoso para desenhar, pintar, surfar, tocar instrumentos musicais, escrever, e como agrônomo.

Na atividade profissional, conseguiu conciliar a habilidade de trabalhar junto a agricultores com a capacidade de observar, investigar e sistematizar.

Conseguiu ser eficiente extensionista rural e eficiente pesquisador, o que raramente se vê numa mesma pessoa.

A parceria com o Centro Ecológico iniciou em 1990, quando foi trabalhar com agricultura ecológica no município de Ipê, como chefe do escritório da Emater. O desafio de implantar pomares, especialmente de maçãs, sem o uso de venenos, permitiu que Vivan aplicasse e desenvolvesse seus conhecimentos sobre sistemas agroflorestais.

Em 1991 ministrou o primeiro curso sobre agrofloresta para uma turma de agricultores do Litoral Norte, em atividade organizada pelo Centro Ecológico e pela Pastoral Rural. Foi o marco inicial de uma enorme mudança na paisagem da região e nas vidas de um tanto de famílias de bananicultores.

A experiência de uma temporada no Sudeste do

Brasil e o acompanhamento do trabalho de Ernst Götsch, associada ao trabalho conjunto com o Centro Ecológico em Ipê e no Litoral Norte resultou no livreto “Pomar ou Floresta: princípios para manejo de agroecossistemas”, publicado pela AS-PTA em 1993.

Fez mestrado, doutorado e pós-doutorado voltados para o tema agrofloresta e publicou um livro chamado “Agricultura e Floresta”, que é uma referência no assunto.

Morador de Florianópolis, desenvolvia atividades de consultoria e assessoria a projetos de uso e conservação da biodiversidade e agrobiodiversidade, no Brasil e em outros países.

Incansavelmente, trabalhou pela melhoria dos ambientes cultivados visando torná-los mais próximos dos ambientes naturais. Quantas agroflorestas terão surgido pela inspiração dele? Quantas aguadas estão protegidas devido ao crescimento de árvores onde só havia lavouras? Quantas plantas e animais, hoje estão abrigados, por causa do trabalho que ele apoiou com seu conhecimento e seu coração?

Foi surfando, uma das coisas que mais gostava de fazer, que Vivan nos deixou, em setembro de 2013.

Ficam a saudade, o carinho e a inspiração! E a gratidão do Centro Ecológico pela convivência enriquecedora e pela amizade.



Expediente

Jornal Biodiverso

Edição n.4 - Dezembro/2013

Responsável: Miriam H Sperb

litoral@centroecologico.org.br

Publicação do projeto **Ampliação e consolidação dos Sistemas Agroflorestais na Serra e Litoral Norte do RS**

www.centroecologico.org.br



“As pessoas apostam no sistema agroflorestal porque é o mais seguro”

Para o agrônomo e mestre em Sistemas Agroflorestais Jorge Vivan, qualquer agricultor pode se beneficiar das vantagens ecológicas e econômicas de um sistema agroflorestal simples, consorciando banana com juçara, espécies madeiráveis e cultivos anuais.



Um dos cursos ministrados por Vivan ao longo de 21 anos, sobre Safs. Este foi no Centro de Pastoral, em Dom Pedro de Alcântara

Na manhã abafada do dia 12 de dezembro de 2012, no Festival do Açaí de Juçara em Três Passos, Três Cachoeiras, Jorge Vivan falou para uma plateia de mais de 200 agricultores, técnicos, professoras e consumidores sobre o tema que originou o evento: as agroflorestas.

Depois da chuva da tarde e antes que ele voltasse para Florianópolis/SC, foi gravada esta entrevista, transcrita na íntegra, abaixo.

Centro Ecológico - Qualquer ecossistema comporta um sistema agroflorestal (Saf) para produção?

Jorge Vivan - Eu respondi essa pergunta pra mim mesmo quando eu estive na China, no chamado Planalto de Loes, que é um dos lugares mais inóspitos em termos de clima, um extremo de 37, 40 graus, seca, no verão, para chuva torrencial e talvez 15 a 20 graus abaixo de zero no inverno. Num lugar assim de extremos, extremamente pobre, foi onde eu vi que

as áreas pequenas que os agricultores tinham como propriedade privada, porque na China propriedade é uma concessão do Estado, as áreas que eram deles mesmos eram sistemas agroflorestais. Árvores com plantios anuais combinados. Então eu pensei, se nessa condição onde tudo tá jogando contra, as pessoas apostam no sistema agroflorestal é porque é um sistema que é mais seguro.

Como um agricultor convencional aqui da região pode iniciar um sistema agroflorestal?

Ele deve começar usando de maneira bem inteligente as espécies que ele já conhece e que tenham um benefício imediato e combinando isso com a floresta. Então por exemplo, o hábito de deixar essas revezas, o pessoal chama de reveza, pra evitar o vento que é um grande problema pra bananicultura, com espécies nativas, já é uma ideia de sistema agroflorestal, que é

Continua na página 4



a integração das árvores com a paisagem.

Alguns agricultores não deixam vir a juçara porque dizem que vai fazer sombra pra banana.

Os sistemas agroflorestais, eu dou o exemplo do carro: o carro é um sistema. Se a pessoa começar dirigindo uma Ferrari, é meio complicado. Os sistemas mais simples, são mais fáceis de começar. Um bananal onde tu tenha uma fileira de palmitero a cada 10 metros, ou a cada 15 metros, é um sistema muito simples, que vai trazer benefícios, reduzir a velocidade do vento, vai atrair pássaros que por sua vez afeta também a questão de pragas, vai comer uma broca da bananeira, vai trazer esse benefício, fora o fato depois do fruto do palmitero que pode ser comercializado, e uma vez registrado o plantio, futuramente pode inclusive querer cortar, se ele quiser, se achar que está sombreando demais, pode cortar e vender o palmito. Então esses são sistemas muito simples, qualquer agricultor poderia iniciar. Poderia dar uma escala gigantesca pra indústria da polpa de açaí, que a gente chama de açaí de juçara aqui no estado e fazer uma enorme diferença.

Que vantagens econômicas que o agricultor teria em relação ao agricultor que só planta banana, só cria gado?

As vantagens, fazendo de novo aquela comparação com os carros, onde anda uma pessoa só dentro de um automóvel, poderiam andar quatro. A ideia do sistema agroflorestal é justamente essa: ele é um sistema que comporta em diferentes estratos, diferentes espécies. Então no caso é comum a gente ver bananal sendo implantado e o sujeito plantar feijão, cultivos anuais no meio do bananal aproveitando o espaço enquanto o bananal se desenvolve. Mas ele não pensa além disso, e o que a gente está propondo e pensando é que o benefício econômico que seria aproveitar esse espaço livre do bananal enquanto a banana não se estabelece, ele se estenderia pro momento em que se vai cortar o bananal e renovar porque deu vento, deu panamá, deu problema ou mesmo resolveu mudar de área. Então ele vai ter sempre esse benefício econômico. Uma coisa importante é que esses sistemas, dificilmente tu vai encontrar um outro sistema agrícola onde o valor agregado aumenta com o passar do tempo. Porque onde tu tem madeira, mesmo que seja uma espécie introduzida que nem o cinamomo gigante, uma outra espécie madeireira que não tenha potencial invasor, porque tem algumas espécies que enchem de semente e empesteiam, como o pessoal diz, importante que esta espécie não tenha esse poder invasor, mas que ela venha trazendo esse valor agregado. Já vi combinações



Cultivo de banana em agrofloresta no Litoral Norte do RS

por exemplo aqui em Praia Grande, de cinamomo gigante e louro. Louro é nativo e cinamomo gigante é exótico, mas não é invasiva. Com 12 anos, 15 anos dá pra tirar o cinamomo e com 20, 25 o louro tá pronto. O palmitero por exemplo, vai te produzir frutos em torno de 5, 6 anos. E se for cortar pra palmito, poderia ser até antes. Se ele plantar uma parte disso e for uma terra muito boa, plantar palmeira real, ele vai tirar com um ano e meio com dois anos. Então tem várias opções, combinações, e todas elas agregam renda justamente pelo que eu falei: ao invés de levar uma pessoa, leva quatro

Gostaria que tu falasse sobre aquela família do noroeste do Mato Grosso onde o aumento da renda foi de quatro vezes em dois anos.

Em Juína, uma cidade conhecida como origem de diamante, tinha muito garimpo de diamante e atraiu muita gente do Sul na época, pro garimpo. Esse agricultor foi atraído por essa ideia do garimpo. Com o que ele conseguiu no garimpo ele conseguiu comprar uma arezinha lá de 12 hectares, que era praticamente um pasto e menos de 10% de floresta preservada. E ele usou o que a gente apregoa em termos de estratégia de agroecologia. Ele mapeou onde tinha resíduos orgânicos que ele pudesse aproveitar e trazer pra dentro da propriedade - pó de serra, cinza, resto de frigorífico onde tem esterco etc. Ele colocou irrigação pra fazer uma parte de olericultura pequena e juntou olericultura com fruticultura, com citros e coco e rodeou toda a propriedade com teca, que é uma madeira de alto valor, com mogno e outras espécies de grande valor comercial. Então numa área de 12 hectares na qual ele tem um uso mais forte em torno de 2 ha e meio, ele tem uma renda em torno de R\$ 45 mil, R\$ 50 mil por ano. Outros sítios que têm 12 hectares que trabalham só com gado a renda é na média R\$ 4, 5 mil por ano na mesma área.